

PARTICIPAÇÃO E GESTÃO: O CASO DAS FEIRAS-LIVRES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC

Marciane Fachinello¹

Marcio de Medeiros Gonçalves²

As feiras-livres são consideradas um dos principais canais curtos de comercialização de alimentos. Ali são encontrados diversos produtos, de origem vegetal e animal. O comércio de produtos por canais de curta distância, realizado através das feiras livres, é uma atividade que tem se mostrado importante para as famílias rurais. O objetivo deste estudo foi analisar a gestão das feiras-livre de Chapecó – SC, sob enfoque sistêmico, a fim de perceber a importância e o status da participação dos atores envolvidos na sua gestão. Realizaram-se onze entrevistas semi-estruturadas, gravadas com duração média de quinze minutos, sendo estas aplicadas aos diversos atores sociais que fazem parte das feiras-livre (feirantes, técnicos e gestores públicos), e envolveu a Secretaria do Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente, a Associação dos Agricultores Feirantes-APROFEC e aos representantes de cada ponto de feira do município. Realizou-se o estudo entre os meses de outubro e novembro de 2014. Além das entrevistas utilizou-se a coleta de dados secundários através do acervo documental sobre as feiras-livres de Chapecó. Historicamente as feiras-livre de Chapecó são geridas de forma descentralizada para dar respostas a demandas como: tipos de produtos a serem comercializados, regras de convivência e destinação das bancas de feira. A participação dos agentes envolvidos nos processos é basilar na busca da sustentabilidade, sendo este aspecto hoje valorizado nos empreendimentos públicos e privados. Ao participar, os sujeitos assumem literalmente os projetos institucionais, por sentir-se parte, por sentir-se donos. Percebeu-se no estudo que os agentes envolvidos, principalmente os feirantes, apreciam a participação, mas não exercem efetivamente. As observações demonstraram que faltam definição nos fluxos de informação (quem procurar, em que momento e quem é responsável pelo que). Ao analisar os dados referentes a opinião dos entrevistados sobre outras questões importantes para a feira-livre (estrutura, saneamento, regras de convivência) observou-se similaridade nas opiniões, porém muita discrepância em relação ao momento e a metodologia que deveriam ser utilizadas na busca de soluções. Como empreendimento da economia solidária, esperava-se que as formas e oportunidades de participação dos envolvidos na gestão fossem mais claras e amplamente utilizadas. Observou-se, porém, que a prefeitura, principalmente na figura do secretário da agricultura, concentra todas as decisões importantes, em especial aquelas relativas a adesão de novos agricultores, gastos financeiros com a feira e normas gerais de convivência.

¹ Estudante do curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Chapecó, e-mail- marciane1929@hotmail.com.

² Professor orientador, Doutor, do curso de Agronomia da Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Chapecó, e-mail-marcio.goncalves@uffs.edu.br

Percebeu-se que este alijamento, principalmente dos feirantes, das instâncias decisórias gera cotidianamente um ambiente pouco colaborativo, onde sobressai-se as atitudes individualistas e personalistas, que enfraquece a experiência ao ser observada sob o prisma da economia solidária e da sustentabilidade.

Palavras-chave: Comercialização direta, Agricultura Familiar, Desenvolvimento Sustentável.

¹ Estudante do curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Chapecó, e-mail- marciane1929@hotmail.com.

² Professor orientador, Doutor, do curso de Agronomia da Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Chapecó, e-mail-marcio.goncalves@uffs.edu.br